

HOMILIA NA SOLENIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO, POR OCASIÃO DA ORDENAÇÃO PRESBITERAL DE CARLOS CORRALES

ÉVORA, 08 de Dezembro de 2024



Estimado Cabido da Catedral Arquidiocesana de Évora;
Caro Reitor do Seminário Redemptoris Mater de Évora, Estimado Reitor do Seminário Arquidiocesano de Nossa Senhora da Purificação e demais formadores de seminários, Comunidade Canção Nova e Padres Salesianos; Queridos pais, familiares e amigos do diácono Carlos Corrales; amados irmãos da comunidade de Borba; queridos amigos das comunidades por onde o diácono Carlos itinerou, vindo da nação-irmã do Chile e da Região autónoma dos Açores;

Meus irmãos e minhas irmãs, querida família Arquidiocesana,

A Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria que hoje celebramos, no solar da Padroeira de Portugal, por meio da liturgia, conduz-nos a vislumbrar as maravilhas de Deus realizadas de um modo particular e profundo na História da Salvação.

A Humanidade é, e será sempre, o centro das atenções de Deus. O seu projecto criador está condicionado à fiel resposta dos homens ao seu apelo de amor. O Bom-Deus, fonte terna de paz e de amor, promete, deste modo, uma união eterna junto d'Ele, garantindo a felicidade sem limites que somente Ele pode conceder.

Os dois textos sagrados, por nós acolhidos nesta celebração, revelam um paralelismo singular: ambos expressam a preocupação afectiva, carinhosa e paternal de Deus para com o destino da Humanidade, por Ele mesmo criada; em ambos Ele recorre ao diálogo e o mantém como instrumento para atingir o coração daqueles a quem se dirige, nunca ferindo a liberdade dos seus amados; em ambos demonstra conhecer intimamente os desejos, sonhos e intenções e propõe um caminho de luz; em ambos os momentos, cronologicamente distantes, mas compreendidos numa conjunta visão divina, a protagonista é uma mulher à qual fala directamente, ou através de um mensageiro celeste; em ambas as circunstâncias, o teor das suas mensagens expõe uma missão que pode mudar o rumo, não só de uma família, mas da humanidade; nestas manifestações, o Pai Celeste intervém na História num gesto de reconciliação do Criador com a criatura; e, ambas se referem a Jesus Cristo, o Alfa e o Ómega, como âmago interpretativo dos tempos passados, presentes e vindouros, e como único e perfeito mediador entre Deus e os Homens.

Como referimos, a palavra de Deus a nós dirigida destaca duas mulheres, duas mensagens, duas missões, duas respostas distintas, em certo sentido, com consequências opostas.

“Depois de Adão ter comido da árvore, o Senhor Deus chamou-o e disse-lhe: «Onde estás?». Ele respondeu: «Ouvi o rumor dos vossos passos no jardim e, como estava nu, tive medo e escondi-me»” (Gn. 3, 9). A interpelação amigável de Deus desvela um Adão medroso, querendo esconder-se d’Aquele que tudo penetra e perscruta. Adão, tal como muitos de nós em semelhantes ocasiões, compreende a inutilidade das suas estratégias de defesa perante a desobediência à vontade do Criador e, sobretudo, ante a recusa ao amor do nosso Pai Celeste. Envergonhado de si mesmo, opta covardemente por alijar as suas culpas sobre outro: *“A mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e eu comi”* (Gn. 3, 12). Não desculpando Adão, nem aceitando a sua resposta como legítima, Deus indagará a Eva: *“Que fizeste?”* (Gn. 3, 13). A protagonista do diálogo repete o mesmo erro do seu cônjuge, apartando de si a culpa: *“A serpente enganou-me e eu comi”* (Gn. 3, 13). Cruel resposta carregada de ingratidão e revolta. Em última análise, Adão, Eva e nós culpamos o próprio Deus, ousando dizer-lhe: *“A culpa é Tua! Tu deste-me um irmão, um semelhante que me completaria, alguém que comigo cumpriria os desígnios libertadores do amor. A liberdade, sinal de semelhança e imagem Tua em mim, permitiu-me negar-te. A culpa é Tua e só Tua porque me condicionaste ao mal!”* O orgulho e a soberba falam mais alto em nós, e endurecem os ouvidos do coração às palavras misericordiosas de Deus, ansioso por se reconciliar connosco. A consequência do pecado é fundamentalmente o rompimento dos laços da Alegria, do Amor e do Perdão desde sempre desejados pelo Criador. Optar voluntária e livremente pelo afastamento do convívio com o Altíssimo é abraçar a via da escuridão, do medo, da vergonha, do rancor e da amargura, do conflito consigo mesmo e com os irmãos. É, enfim, viver desorientado, num caminho sem sentido e sem garantia de paz, porque sem Amor.

Contudo, o Senhor nunca se renderá às fragilidades e às ingratidões dos seus filhos, ainda quando rebeldes. Conhecendo-os profundamente, o Deus-Caridade, repleto de compaixão, procura reatar, por meios e circunstâncias misteriosos e sublimes, o vínculo de amizade com os homens e as mulheres, uma, cem, mil e infinitas vezes. O Evangelho proclamado, comprova o seu zelo, nunca esmorecido e manifesta-o intacto até à “plenitude dos tempos”. A resposta de Deus ao pecado e ao mal, não é apenas o bem, mas a santidade.

“Tendo entrado onde ela estava”, o Anjo Gabriel anuncia a boa-nova: “*Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo*’. Ela ficou perturbada com estas palavras e pensava que saudação seria aquela” (Lc. 1, 28). Tal como Eva, Maria é uma mulher, protagonista e eleita; receptora de uma missão divina, à qual poderá responder livremente segundo os projectos e intenções do seu coração.

Nas pegadas dos Padres da Igreja, a resposta de Maria ao apelo de Deus é radicalmente oposta à de Eva. A perturbação d’Ela – interprete-se estupefacção – não nasce do medo, fruto intrínseco do pecado, mas da sua profunda humildade. Considera-se indigna de tão grandiosa saudação e missão. No entanto, jamais recusa a presença de Deus na sua vida e nos seus desígnios, submetendo-se a Ele num vínculo eterno que desvela um coração puro e dócil. Assume sobre si a responsabilidade do maior acontecimento da História, não o relega a outros. E, como afirmou São Justino, Maria, na obediência, concebeu a fé e a alegria¹, porque dela nasceu por obra do Espírito Santo, o Filho de Deus (cfr. Mt. 1,20). Contrariamente, Eva gerou a desobediência e a morte. Na visão de São Justino, Eva consente às sugestões do anjo decaído, a serpente; Maria consente ao anjo fiel. No primeiro diálogo, a consequência da resposta é a punição, no segundo, é a Encarnação do Filho de Deus.

Maria surge, então, num mundo envelhecido e envolto nas trevas, como um “lírio entre espinhos”, como a “Nova Eva”², a Mãe do “Novo Adão” que nos traz a vida nova da Graça! N’Ela a vitória do bem sobre o mal – prevista no Proto-Evangelho e onde se destaca a única inimizade imposta por Deus na História – é testemunhada para sempre, porque “*Esta te esmagará a cabeça*”(Gn. 3, 15). O “sim” incondicional de Maria, “*Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc. 1, 38), segundo Santo Ireneu, tem uma eficácia de dimensão universal com valor retroactivo, pois, “*O nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; o que a virgem Eva havia amarrado com sua incredulidade, a Virgem Maria desatou com sua fé*”.³ “*No termo desta missão do Espírito, Maria torna-se a «Mulher», a nova Eva «mãe dos vivos», Mãe do «Cristo total». É como tal que Ela está presente com os Doze, «num só coração, assíduos na oração», no alvorecer dos «últimos tempos», que o Espírito vai inaugurar na manhã do Pentecostes, com a manifestação da Igreja*”, assim descreve este milagre sublime o Catecismo da Igreja Católica (726).

¹ Cfr. Justino de Roma, Diálogo com Trifão, 100,5. Paulus, SP, 1995, pg. 265.

² Catecismo da Igreja Católica, 411; 511;726; 975

³ Cfr. Ireneu de Lião, III, 22,4. Paulus, SP, 1995, 351-352; V,19,1, pg. 569.

Caro Diácono Carlos Corrales, Maria é um ícone desta santidade. Neste dia, especialmente festivo para ti, recorda-a sempre no teu percurso de cristão e ministro ao serviço do Povo de Deus. Nas palavras do Papa Francisco, o ministério sacerdotal deve ser marcado por “traços” de proximidade, compaixão e ternura.

A proximidade do sacerdote – destaca o Pontífice – desdobra-se em quatro âmbitos: proximidade com Deus, proximidade com o Bispo, proximidade entre os irmãos no ministério presbiteral e proximidade com o povo santo e fiel de Deus.⁴

A assiduidade na oração, a dignidade e profunda piedade na celebração dos sacramentos, particularmente na celebração Eucarística, manterá acesa em ti a chama interior do Espírito, impedindo a perda da proximidade com o Senhor, nosso Deus. A comunhão, na obediência filial ao Bispo, garantir-te-á a segurança nos passos a dar, e a proximidade com o Deus, que fala pelos seus instrumentos, independentemente das suas qualidades ou defeitos. A fraternidade entre os ministros, irmãos no sacerdócio, fortalecerá os vínculos da caridade e da unidade com o Senhor Jesus no meio de nós; em sinodalidade, constituiremos “um só coração e uma só alma”, à semelhança dos primeiros discípulos-cristãos. A proximidade para com o Povo Santo de Deus, mais concretamente identificado no rebanho que te será confiado, é o corolário das outras três proximidades. Abre-te, caro Diácono Carlos, continuamente aos apelos dos desalentados e dedica o teu tempo a escutar os gemidos dos cativos do mundo, descrentes do amor divino. Por teu zelo, humildade e simplicidade, transforma-te num instrumento consolador de corações dilacerados, frios e distantes de Cristo, que é a única fonte de Vida e Santidade; Sê compassivo e misericordioso, tal como Deus é contigo e com todo o seu povo amado.

Para ti e para nós aqui presentes, celebrar a Solenidade da Imaculada Mãe de Deus, Padroeira de Portugal e da nossa Arquidiocese e, cheios de alegria, participar na tua Ordenação Sacerdotal, é testemunhar o poder infinito de Deus que sempre nos surpreende com as suas maravilhas, porque para Ele nada é impossível (Cfr. Lc. 1, 37). Celebrar esta Solenidade é fazer ecoar pelos tempos a liberdade do bem sobre a opressão do mal; é responder em santidade, a exemplo de Maria, às injustiças, corrupções e violências do mundo caótico e afastado de Deus que nos toca evangelizar.

Como descendentes da Mulher Santa e Imaculada (Cfr. Gn. 3, 15), alegramo-nos e cantamos o “*Cântico Novo*” porque o Senhor fez e fará maravilhas (Cfr. Sl. 98, 1) em Maria e fará em nós. Alegres e em sintonia com o Apóstolo proclamamos:

⁴ Papa Francisco, Homilia por ocasião de ordenações sacerdotais, 25 de Abril de 2021, Basílica do Vaticano.

“Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto dos Céus nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo” (Ef. 1, 3). Estimado Diácono Carlos, que o *“Magnificat”* de Maria seja, de hora em diante o teu *“cântico novo”*, pois tu e cada um de nós, somos filhos eleitos *“antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, em caridade, na sua presença”* (Ef. 1, 4). Por isso, temos sentido para a vida: sabemos quem somos, porque sabemos de onde viemos e para onde vamos. O nosso ministério é uma árvore com raiz, alimentada num húmus fecundo, que a História atesta e testemunha ser campo de santos, heróis e mártires.

Diácono Carlos olha para trás em canto e esperança e continua as pegadas dos que te antecederam neste caminho cheio de futuro, porque repleto de vidas em testemunho consumado e testado.

Que a nossa Celestial Padroeira conduza a tua missão, no nosso país e na nossa Arquidiocese, e no mundo inteiro a quem, pelo teu carisma, és enviado. Que Deus pelas mãos de Maria, Mãe Educadora, faça de ti semente reconciliadora e confortante de homens e mulheres com Deus, nosso amado Pai, e seu Povo por quem entrega seu Filho e nos doa sua Mãe.

+ *Francisco José Senra Coelho,*

Arcebispo de Évora